

I. O Enterro dos Mortos

Abril é o mês mais cruel, gera
Lilases da terra morta, mistura
A memória e o desejo, agita
Raízes dormentes com chuva da Primavera.
O Inverno aconchegou-nos, cobriu
A terra com o esquecimento da neve, alimentou
Uma pequena vida com bolbos ressequidos.
O Verão apanhou-nos de surpresa, veio por sobre o Starnbergersee
Com um aguaceiro súbito; parámos na colunata,
E seguimos, já com sol, para o Hofgarten,
E tomámos café e ficámos uma hora a conversar.
Bin gar keine Russin, stamm' aus Litauen, echt deutsch.
E quando éramos pequenos, e ficámos em casa do meu primo,
O arquiduque, ele levou-me a andar de trenó
E eu apanhei um susto. Disse, Marie,
Marie, segura-te bem. E fomos por ali abaixo.
Nas montanhas, aí sim sentimo-nos livres.
Leio, quase toda a noite, e vou para o sul no Inverno.

Que raízes se prendem, que ramos crescem
Neste entulho pedregoso? Filho do homem,
Não consegues dizer, nem adivinhar, pois conheces apenas
Um montão de imagens quebradas, onde bate o sol,
E a árvore morta não dá qualquer abrigo, nem o grilo alívio,
Nem a pedra seca qualquer ruído de água. Apenas
Há sombra debaixo desta rocha vermelha
(Anda, vem para a sombra desta rocha vermelha),
E vou mostrar-te uma coisa ao mesmo tempo diferente
Da tua sombra quando ao amanhecer te segue
E da tua sombra quando ao entardecer te enfrenta;
Vou mostrar-te o medo num punhado de poeira.

*Frisch weht der Wind
Der Heimat zu
Mein Irisch Kind,
Wo weilest du?*

«Deste-me Jacintos há um ano pela primeira vez;
«Diziam que eu era a rapariga dos jacintos.»
— Porém quando viemos, já tarde, do jardim dos jacintos,
O teu braçado cheio e o teu cabelo molhado, não consegui
Falar, os meus olhos toldaram-se, eu não estava
Vivo nem morto e não conhecia nada,
Os olhos postos no coração da luz, o silêncio.
Oed' und leer das Meer.

Madame Sosostriis, vidente famosa,
Estava muito constipada, no entanto
Passa por ser a mais sabedora mulher da Europa,
Com um maldito baralho de cartas. Aqui, dizia ela,
Está a sua carta, o Marinheiro Fenício afogado,
(Aquilo são pérolas que eram os olhos dele. Veja!)
Aqui está Belladonna, a Senhora dos Rochedos,
A senhora das complicações.
Aqui está o homem dos três bordões e aqui a Roda
E aqui o mercador zarolho, e esta carta,
Que é branca, é alguma coisa que ele leva às costas,
Que não me é consentido ver. Não encontro
O Enforcado. Tenha medo da morte pela água.
Vejo multidões de gente, a caminhar em círculo.
Obrigada. Se vir a querida Sr.^a Equitone,
Diga-lhe que eu própria levo o horóscopo:
Hoje em dia temos de ter tanto cuidado.

Cidade Irreal,
Sob o nevoeiro pardo de um amanhecer de Inverno,
Uma multidão fluía pela London Bridge, eram tantos,

Eu não pensava que a morte tivesse aniquilado tantos.
Suspiros, curtos e raros, eram exalados,
E cada um fixava os olhos adiante dos pés.
Fluíam encosta acima e desciam King William Street,
Até onde Saint Mary Woolnoth dava as horas
Com um som morto na derradeira badalada das nove.
Aí vi alguém que conhecia, fi-lo parar, gritei-lhe: «Stetson!
«Tu que estiveste comigo nos barcos em Mylae!
«O cadáver que plantaste o ano passado no jardim
«Já começou a dar rebentos? Será que dá flor este ano?
«Ou o canteiro foi estragado pela geada imprevista?
«Oh, afasta de lá o Cão, que é amigo dos homens,
«Ou ele com as unhas ainda o desenterra outra vez!
«Tu! hypocrite lecteur! — mon semblable — , mon frère!»

II. Uma Partida de Xadrez

A Cadeira onde ela se sentava, como um trono polido,
Reluzia no mármore, onde o espelho
Apoiado em colunas ornadas de vides com uvas
Por entre as quais espreitava um Cupido dourado
(Outro escondia os olhos com uma asa)
Duplicava as chamas de candelabros de sete velas
Reflectindo a luz no tampo da mesa enquanto
Para a luz se elevava o brilho das suas jóias
Derramadas em exuberância de estojos acetinados.
Em frascos de marfim e vidro colorido
Destapados, emboscavam-se seus estranhos perfumes sintéticos,
Em creme, em pó ou líquidos — perturbavam, confundiam
E afogavam o sentido em odores; agitados pelo ar
Refrescante vindo da janela, eles ascendiam,
Engordavam as chamas alongadas das velas,
Lançavam o fumo sobre a moldura do tecto,
Onde agitavam o desenho dos caixotões.
Madeiros do mar alimentados com cobre
Ardiam em laranja e verde, enquadrados pela pedra de cor,
Em cuja luz triste nadava um golfinho entalhado.
Sobre o lintel da vetusta lareira era mostrada
Como se uma janela desse para a cena rústica
A mudança de Filomela, pelo bárbaro rei
Tão bruta e violentada; mas aí o rouxinol
Enchia todo o deserto com voz inviolável
E ela ainda gritava, e ainda o mundo persegue,
«Chac Chac» a ouvidos imundos.
E outros ressequidos cepos de tempo
Eram narrados nas paredes; formas de olhares fixos
Assomavam, inclinavam-se, e emudeciam a sala que cercavam.
Vinham passos arrastados pela escada.

Sob a luz do fogo, sob a escova, o cabelo dela
Espreado em pontos faiscantes
Cintilava em palavras, depois ficava ferozmente calmo.

«Esta noite os meus nervos estão mal. Sim, mal. Fica comigo.
Fala comigo. Por que é que nunca falas? Fala.
Em que estás a pensar? A pensar o quê? O quê?
Nunca sei o que estás a pensar. Pensa.»

Penso que estamos no beco das ratazanas
Onde os homens mortos perderam os seus ossos.

«Que barulho é esse?»
O vento debaixo da porta.
«Que barulho é esse agora? Que está a fazer o vento?»
Nada outra vez nada.

«Tu
Não sabes nada? Não vês nada? Não te lembras de
«Nada?»

Lembro-me
Aquilo são pérolas que eram os olhos dele.
«Tu estás vivo, ou não? Não há nada na tua cabeça?»
Mas

Oh Oh Oh Oh aquele ritmo de *rag* Shakespeheriano —
É tão elegante,
Tão inteligente
«Que hei-de fazer agora? Que hei-de fazer?
Vou sair tal como estou, e andar pela rua
Com o cabelo solto, assim. Que havemos de fazer amanhã?
Que havemos de fazer alguma vez?»

A água quente às dez.
E se chover, um carro coberto às quatro.